DOI: 10.5752/P.2237-8871.2014v15n23p208

Tipologia do livro*

Elisa Ruiz Garcia**

Resumo

O livro **Introducción a la codicología** tem como escopo apresentar os principais métodos técnicas aplicados ao estudo dos manuscritos fundamentados a partir da Codicologia – ciência que estuda os manuscritos e a natureza arqueológica dos livros. O capítulo *Tipologia del libro* expõe as formas *librarias* – o rolo, a tabuleta e o códice, descrevendo seus formatos, seus modos de produção, os materiais que os compõem e o seus usos ao longo do tempo. Inicia apresentando o rolo (*volumen*) como o tipo *librario* que predominou durante toda a antiguidade greco-latina. Em seguida, aborda sobre as tabuletas de cera como o mais remoto antecedente, de um ponto de vista morfológico, dos exemplares manuscritos e impressos quadrangulares, conhecidos como códice. Este, originalmente conhecido pelo vocábulo *codex*, era aplicado para designar um conjunto de lâminas de qualquer material, unidas entre si pela margem interna mediante um vínculo, o seu conteúdo textual geralmente se preservava por meio das placas externas que serviam de capas ou cobertura. Apresenta as morfologias do livro dentro de um processo cultural e social, gradual e complexo. O capítulo contemplado nesta tradução ainda não foi publicado no Brasil, por isso a motivação em divulgar o trabalho, sobretudo, por se tratar de um texto importante para aqueles que se interessam pelas origens do livro e as pesquisas desenvolvidas em torno dessa temática.

Palavras-chave: Codicologia; História do Livro.

Morfologia *libraria*[1]

As distintas matérias utilizadas como suporte da escrita incidiram sobre a estrutura do livro e, possivelmente, sobre o traçado dos signos gráficos. São duas as modalidades que se conhecem – e se contrapõem – ao longo da história da bibliologia ocidental: o rolo (*volumen*) e o códice (*codex*). Uma forma é de inspiração circular; a

---

* Referência do original em espanhol: RUIZ GARCIA, Elisa. Tipología del libro. In: RUIZ GARCIA, Elisa. **Introducción a la codicología**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2002. Cap. 4, p. 119-142. Tradução de Diná Marques Pereira Araújo.

** Elisa Ruiz Garcia é doutora em Filologia Clássica pela Universidade Complutense de Madrid e professora titular de Paleografia e Diplomática na mesma Universidade. Suas principais linhas de pesquisa são o estudo de aspectos semiológicos e antropológicos da cultura escrita; a codicologia; a história do livro e das bibliotecas; e as relações entre a cultura escrita e a religiosidade no século XV. (N.T.).

[1] *Libraria* é uma expressão latina que significa "relativo aos livros", "de livros", "próprio dos livros", "que se relaciona com o livro". Compreende tudo o que é relativo aos livros, o que trata sobre livro, o que é o livro. Assim, está também relacionada ao local onde o livro era produzido (*taller librario*) e às práticas e às técnicas que o materializam. Pode referir-se, ainda, ao local de guarda dos livros – a biblioteca. Devido à força de significância da expressão, a opção foi não traduzi-la neste artigo. Do mesmo modo, expressões gregas e latinas não foram traduzidas. (N.T.).

outra quadrangular. Na realidade, correspondem a conceitos diferentes de um mesmo objeto e, apesar de divergentes em seu aspecto exterior, tendem a um fim idêntico. Ambas as soluções técnicas estabeleceram algumas configurações básicas que continuam em vigor.

A partir do século IV a.C., identifica-se um importante desenvolvimento da cultura escrita, sendo o livro *in genere* o principal meio de comunicação. A mudança presume uma organização mental diversa, tanto individual como coletivamente. Estes *magistri muti*, além de cumprirem a missão que desde outrora lhes fora confiada, isto é, garantir e assegurar a transmissão de mensagens de diversa natureza ao longo do tempo, começaram também a ganhar terreno no espaço. Em resumo, por esse período começou o fecundo desdobramento da produção *libraria*. Os exemplares foram conquistando parte do terreno até então exclusivo da memória. As ideias circulavam com maior rapidez, fato que contribuiu para desenvolver uma sensação de cosmopolitismo Havelock (1963), analisou com lucidez as consequências de tal mudança, ao passo que nos ofereceu uma nova "leitura" de muitas passagens platônicas, até agora mal interpretadas ou, ao menos, consideradas como paradoxais.[2] Sem dúvida alguma, o órgão da visão começou a substituir as funções desempenhadas pelo órgão da audição.[3]

O rolo

O rolo foi o tipo *librario*, por excelência, que predominou durante toda a antiguidade greco-latina.[4] Não chegou até nós nenhum livro completo desse período, porém conhecemos bem sua imagem graças a uma abundante documentação escrita e inumeráveis representações figurativas. O livro era composto por uma série de peças retangulares de papiro, na maioria dos casos, ou de pergaminho, colocadas umas após as outras, em distância variável, e enroladas sobre si mesmas ou sobre uma peça.[5] Certamente, podia-se utilizar uma vareta de madeira ou de osso (*ampholós*, *umbilicus*),

[2] Emílio Lledó, seguindo os passos deste pesquisador, desenvolveu os aspectos filosóficos e culturais desta questão em duas sugestivas obras: **El silencio de la escritura**. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1991; e **El surco del tempo**. Barcelona: Editorial Crítica, 1992.

[3] Há várias décadas têm sido estudadas as consequências da transição de uma sociedade de tradição oral para outra de tradição escrita. A produção científica a este respeito é muito abundante e diversificada.

[4] E, certamente, em outras culturas. Lembrem-se em particular os exemplares do Livro dos Mortos egípcios e os *volumens* transmissores dos textos sagrados dos judeus.

[5] Disposição que explica o termo latino empregado para designá-lo: *volumen*, palavra relacionada com o verbo *volvere* ("enrolar").

fixada em uma de suas extremidades,[6] para reforçar sua consistência. O arremate desta será chamado de *cornua* e, com frequência recebia algum tipo de ornamentação. As margens inferior e superior da faixa confeccionada (*frontes*) eram objeto de um cuidadoso polimento mediante o emprego de pedra pomes. Um fecho (*lora*), uma etiqueta pendente (*síllybos*, *titulus*) e uma cobertura de pele (*toga*) completavam o precioso objeto.[7]

Para ler um exemplar, enrolava-se com a mão esquerda a parte já consultada e, ao mesmo tempo, desdobrava-se paulatinamente o restante com a mão direta. No âmbito latino, no princípio da obra, na primeira *plagula* ou folha (*protókollon*), podia-se informar o título – ou alguma indicação sobre o conteúdo ou autor – depois da expressão *Incipt liber*... Ao final, na última peça quadrangular (*eskhatokóllion*), encerrava-se o texto com a expressão *Explicitus est liber*. O significado da sequência era: "O livro foi desenrolado". A fórmula seguiu sendo aplicada quando esse tipo *librario* foi substituído pelo códice. Para tal fim, utilizou-se uma forma verbal abreviada e incorreta filologicamente: *explicit*, com perda do seu significado original e aquisição de um novo. Na verdade, o leitor interpretava que tal palavra equivalia a: "Aqui termina o livro".

Na parte interna,[8] o texto era disposto no sentido paralelo ao das fibras horizontais, conforme já vimos (item 2.2),[9] em forma de colunas (*selídes*) sucessivas, compostas por certo número de linhas (*stikhoi*, *versus*). A dimensão era calculada sobre a pauta do hexâmetro homérico, que oferece uma média de 18 sílabas e de 34 a 38 letras.[10] Ao final da obra, podia-se contabilizar o número de linhas escritas; tal fórmula de cálculo (esticometria) servia de base para o devido pagamento do amanuense. A extensão definitiva do rolo de papiro era responsabilidade provavelmente do próprescriba, que adicionava as *plagulae* necessárias para conter a totalidade do texto. A

---

[6] Sobre este particular, não há um acordo entre os especialistas. Alguns sustentam o uso de uma vareta final; outros, uma inicial e, inclusive, há quem defenda a existência dos dois. A mais plausível é a primeira opção.

[7] Veja, por exemplo, a descrição do poeta Tibulo (III, 1, v.9-14).

[8] A presença da escrita na face externa das *plagulae* denota que o *volumen* foi reutilizado para outro fim ou que foi escrito em condições anômalas. O rolo que oferece esta característica é denominado "opistógrafo". Por vezes, estas distinções são interessantes do ponto de vista cronológico ou histórico.

[9] RUIZ GARCIA, Elisa. Los soportes de la escritura. In: RUIZ GARCIA, Elisa. **Introducción a la codicología**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2002. cap. 2, p. 45-90. (N.T.).

[10] Este critério era válido para os textos poéticos. A longitude das linhas não era observada tão estritamente nas obras em prosa.

longitude era, assim, variável. O rolo, uma vez finalizado, passava a ser chamado *biblos* ou *biblíon* no âmbito grego.

O *volumen* desempenhou um papel hegemônico como modelo *librario* enquanto portador de obras literárias profanas, embora, ao ser extinta essa função, seu uso tenha ficado limitado e unicamente subsistiu enquanto suporte documental[11], até os tempos modernos. Quando seu conteúdo era diplomático, podia-se escrever sem divisão em colunas e em sentido contrário ao uso anterior e paralelamente ao eixo sobre o qual se enrola, de onde vem o nome de *charta transversa*.[12] Nesse caso, era necessário sustentá-lo na posição vertical para realizar sua leitura. Geralmente, os exemplares eram de pequenas dimensões e se limitavam a poucas *plagulae*, podendo ser feitos com papiro, pergaminho ou papel.

Às vezes, na busca de uma melhor conservação, formava-se um rolo factício por aglutinação de um conjunto de documentos relacionados entre si a partir de algum ponto de vista. O livro assim formado era chamado *tómos synkollésimos*. Como exemplo típico, é possível citar o rolo de pergaminho depositado no *Arquivo de São Domenico de Bolonha*, de aproximadamente 30 metros, transmissor de um processo judicial.

Sobre a tipologia do rolo, remetemos aos exaustivos artigos de Leo Santifaller (1953, 1964, 1965), que realizou os "*Rollenform*" ("*Papyrusrolle*", "*Lederrolle*", "*Pergamentrolle*" e "*Papierrolle*"), em todas as épocas.[13] Existem dois usos particulares do rolo que não podemos deixar de ser mencionar. Trata-se dos chamados "*rouleaux des morts*" (*rotuli mortuorum*)[14] e dos rolos pascais. Os primeiros, de caráter obituário, eram de uso bastante frequente no mundo conventual. Os segundos refletem uma tradição própria da Itália meridional, consistente na leitura, no dia da Páscoa, de um hino litúrgico, intitulado com a palavra *Exultet*, de onde vem o nome pelo qual também são conhecidas essas peças belamente decoradas. Sobre sua origem e difusão, remetemos ao estudo do professor G. Cavallo (1973).

A sobrevivência do rolo, como forma *libraria*, pode se rastreada até nossos dias. Ainda hoje, na Inglaterra, o arquivista da corte real recebe o eloquente título de "*Master oftherolls*" e algumas universidades ainda emitem seus diplomas com esta preciosa roupagem. Porém ainda há mais. O rolo, na atualidade, como a ave fênix, tem

[11] Salvo na tradução judia, onde esta modalidade sobreviveu nos usos religiosos.

[12] D. Muzerelle (1985, p. 74) reserva o nome de "*volumen*" para esta variante.

[13] Por exemplo, o recolhimento de sessenta testemunhos datados entre os séculos XI e XVI em diversos países europeus.

[14] Veja L. Deslisle (1866).

"renascido das cinzas" de maneira multiforme: discos de vinil, fitas magnéticas e sonoras, "cassetes", disquetes e CD – para não dilatar a lista – dão boa prova de que a ideia de um modelo circular como suporte de informação tem diante si um futuro promissor.

Tabuletas de cera

As tabuletas de cera não constituem por si mesmas um tipo *librario*, porém, por serem o mais remoto antecedente, de um ponto de vista morfológico, dos exemplares manuscritos e impressos quadrangulares, as incluímos neste capítulo. Foram objetos de amplíssima difusão no âmbito greco-latino, devido a sua facilidade de transporte e manuseio. Por serem fáceis de confeccionar, de moderado preço e facilidade prática para o uso,[15] reuniam, no mesmo objeto, todas as características para triunfar plenamente, sobretudo, em uma cultura dinâmica e carente de meios eficazes para fixar por escrito variadas mensagens da atividade humana. Eram compostas por placas, geralmente de madeira, em número variável: dois, três ou mais folhas (*diptychus*, *triptychus*, *polyptychus*).[16] As ditas laminas eram preparadas de uma forma adequada para receber a escrita. Às vezes, suas superfícies eram polidas e embranquecidas (*leúkóma*, *tabulae dealbatae*),[17] com a finalidade de que se pudesse escrever sobre elas com um cálamo e tinta, mas, na maioria das ocasiões, se recorria à técnica que consistia em deixar vazia a parte central da superfície dura e preenchê-la com alguma substância maleável, tal como goma laca fundida[18] ou cera, geralmente tingida. Na Idade Média, adicionava-se resina extraída de árvores a esses materiais, daí seu aspecto escuro. Evidentemente, o utensílio complementar obrigatório era o *stilus* ou *graphium* com o qual se riscava, no ato de escrever, a lisa camada superposta. Quando o objeto era formado por distintas lâminas, estas apresentavam uns orifícios marginais que serviam para deixar passar o vínculo que as unia, dando lugar a uma espécie de caderno ou folhas rígidas e duras dobradas, chamado *codex*, *codicillus* ou *pugilares*.

[15] Isso contribuiu para o fato de que o texto podia ser cancelado facilmente (*facílima est ratiodelendi*, Quint., *Inst*. Orat. X, 3, 31).

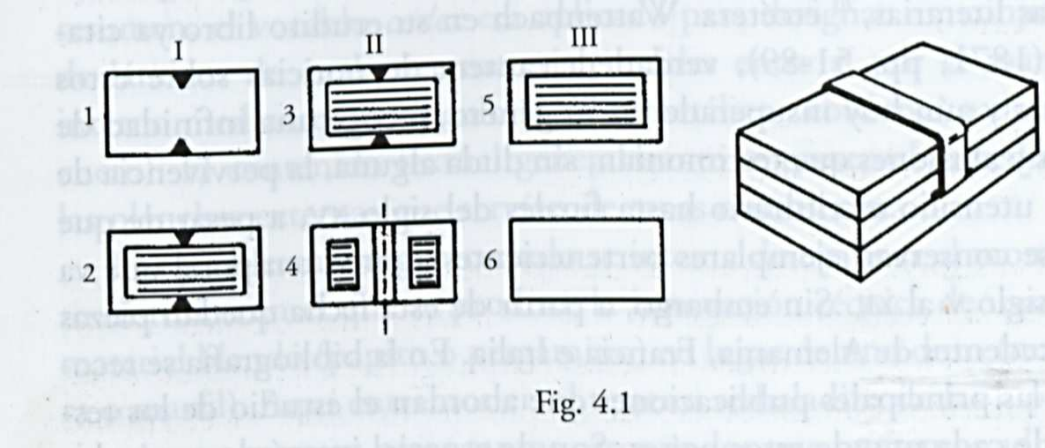
[16] Também existiam de uma só peça, em cujo caso levavam, geralmente, uma manga.

[17] Sobre as modalidades de origem grega, veja V. Gardthausen (1879, p. 36-38). A respeito das latinas, além daquelas de uso pessoal, é necessário mencionar as que se utilizavam para avisos, anúncios, publicações legais entre outros, eram de tamanho maior. Tais vestígios nos testemunham as práticas de confeccionar cartazes.

[18] Alguns especialistas pensam que esse foi o único produto empregado no mundo clássico e que o uso da cera é uma suposição errônea.

Os usos a que se destinavam foram muito variados: desde a correspondência pessoal[19] a todo tipo de escrita documental. Neste último caso, preferia-se o tríptico, já que em suas seis faces se podia incluir o texto e mantê-lo oculto e devidamente protegido. A disposição habitual pode ser observada conforme a ilustração a seguir:

Figura 1 – Tabuletas



a) Faces 1 e 6, ou seja, as exteriores: aparecem livres de escrita e servem de pastas protetoras.

b) Faces 2 e 3: incluem o texto.

c) Face 4: abriga as assinaturas dos testemunhos e selos. Um pequeno sinal feito no centro da placa permitia passar a corda que fixava as duas primeiras tabuletas.

d) Face 5: resumo do documento. Dessa forma, era possível conhecer o assunto tratado sem a necessidade de abrir todos os selos.

As principais tabuletas de cera que chegaram até nós, procedentes do mundo latino, podem ser agrupadas da seguinte maneira:

1. Cento e vinte e sete exemplares achados em Pompéia e procedentes do arquivo pessoal do banqueiro L. Caecilius lucundus (c. 15-62 d. C.).

2. Umas duzentas mostras herculanenses, em parte sem editar.

[19] Nesse caso, as tábuas se fechavam com uma corda ou tira de couro e se selavam. Uma vez entregues ao destinatário e lido o conteúdo, procedia-se ao cancelamento do texto e à gravação da resposta. Logo eram devolvidas ao remetente com as idênticas precauções. Em algumas ocasiões, estas se apagavam. Heródoto (VII, 239) nos conta como Demárato retira a película de cera, escreve sua mensagem sobre a madeira e volta a cobri-la com a mesma substância.

3. Vinte e cinco tabuletas romenas relativas às minas de Alburnus Maior, na Transilvânia, no século 131-167 d. C..

4. Um número indeterminado de fragmentos precedentes de diversas localidades do Egito (séculos II-IV d. C.).

5. Cinquenta e seis *tabellae* oriundas do norte da África (Argélia), que nos transmitem trinta e quatro documentos privados da época vandálica (século V *ex.* d. C.).

Independentemente desses testemunhos, temos notícia de sua utilização durante séculos, inclusive quando já existiam outros materiais macios concorrentes. Durante toda a Idade Média, foram usadas para a escrita corrente, anotações, contas,[20] usos escolares,[21] rascunho de obras literárias,[22] entre outros. Wattenbach, em seu livro erudito[23] (1871, p. 51-89), verdadeira fonte de informações sobre estes temas e ainda hoje não superado em seu gênero, recolhe uma infinidade de citações e alusões que testemunham, sem dúvida alguma, a sobrevivência desse utensílio da escrita até o final do século XV, apesar de não terem sido conservados exemplares pertinentes ao arco temporal, que vai do século V ao XII. Contudo, a partir dessa, existem peças procedentes da Alemanha, França e Itália. Na bibliografia, reúnem-se as principais publicações que abordam o estudo desses vestígios em cada um desses países. São de especial interesse os artigos do professor A. Petrucci (1965), sobre umas tabuletas florentinas do *Trecento*, e de J. D. Thomas (1976), relativo a uns exemplares escritos com tinta e achados em Vindolanda.

Merecem uma menção à parte aquelas *tabellae* de marfim que respondem à denominação de "dípticos consulares". Eram enceradas em suas fases internas e esplendidamente trabalhadas nas fases externas. Sua feitura era solicitada por parte de

[20] Foram muito empregadas na chancelaria francesa. São especialmente belas as catorze tabuletas que nos transmitem a contabilidade do Hotel Royal, apresentadas pelo tesoureiro J. Serrazin a Luís IX.

[21] Seu papel no ensino está amplamente testemunhado na Antiguidade. A bibliografia é abundante. Talvez a obra que resulte mais ilustrativa seja a interessante monografia de H. I. Marrou, Histoire de l'educationdansl'Antiquité (1948). A tradição manteve-se viva ao longo dos séculos. Em Carmina Burana, lê-se: "A punção e as tabuletas são o pão nosso de cada dia." (CCXVI, versos 9-10, ed. de A. Hilka e O. Schumann, Heidelberg: Carl Winter, 1970-71, I Band/3, p. 68). Também poderiam ser citadas outras fontes literárias. As lousas individuais empregadas em nossos dias, e hoje, em vias de extinção, tem sido sua fiel tradução e têm desempenhado idêntica missão.

[22] Segundo Diógenes Laercio (111,37), podiam também servir para conservar um texto literário até que se procedesse a uma transcrição mais duradoura.

[23] WHATTENBACH, Wilhelm. Das Schiriftwesen im Mittelalter. Leipzig: S. Hirzel, 1871. Citado em: RUIZ GARCIA, Elisa. Estado de la cuestión. In: RUIZ GARCIA, Elisa. **Introducción a la codicología**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2002. Cap. 1, p. 17-44. (N.T.).

um interessado em decorrência de sua elevação à magistratura, que dá nome ao objeto, para distribuí-las entre amigos e familiares. São conhecidas setenta e sete peças. O exemplar mais antigo é um díptico sacerdotal, do ano 388, conservado no Museu Arqueológico Nacional de Madrid. O primeiro consular propriamente dito, do ano 406, está custodiado na catedral de Aosta. O mais recente é do século VII. O motivo da conservação de tais exemplares foi sua ornamentação externa. Em alguns casos, serviram de capas para outras obras. Em última instância, os livros de Primeira Comunhão de nossa infância são os últimos filhos desta belíssima tradição.

Gênesis do códice

O termo latino *codex* (<*caudex*), significava originariamente "pedaço de madeira, tronco". Não surpreende, portanto, que dado ao valor primitivo dessa palavra, logo se utilizasse para designar as tabuletas compostas de vários elementos (polípticos),[24] fabricadas em material lenhoso e, em raras ocasiões, em marfim. Esse tipo de suporte da escrita é verificado desde tempos imemoriáveis, em grande parte do Mediterrâneo oriental,[25] Grécia e Roma. Em resumo, o vocábulo *codex* era aplicado para designar um conjunto de lâminas de qualquer material, unidas entre si pela margem interna mediante um vínculo (anéis metálicos, cordões ou tiras de couro). O conteúdo textual geralmente se preservava por meio das placas externas que serviam de capas ou cobertura.

Os problemas surgem quando se pretende determinar o momento histórico no qual se produz a inovação técnica de usar um material macio (papiro ou pergaminho) no lugar de um material duro (madeira ou marfim). Aqui adentramos no terreno escorregadio das hipóteses, como ocorre em outros tantos casos nos quais queremos atribuir um invento ou uma descoberta técnica a uma época ou lugar determinado.[26] Temos que nos conformar com os testemunhos fragmentários e fragmentados que chegaram, penosamente, até nós. Mas, nem por isso devemos outorgar uma validez

[24] O exemplar mais complexo – até agora conhecido – consta de dez lâminas.

[25] Basta mencionar as representações de tabuletas que aparecem nos relevos neohitita e os esplêndidos exemplares de marfim de Nimrud, datados do século VIII a. C.

[26] Sobre essa questão, Marc Bloch (1959, p. 205) opina que: "Certamente um extrato ou um documento sinalizam, aqui ou ali, mais ou menos confusamente, um instrumento ou um procedimento novo; mas, onde está a prova de que este testemunho seja coetâneo à invenção ou à aquisição? Os próprios termos não nos confirmam corretamente: a nomenclatura técnica sempre teve um caráter que tende a conservação, e o motorista que hoje fala do seu 'carro' não é o primeiro homem que aplica um velho nome a uma coisa nova".

absoluta há quantos resultados procedam de enumerar os restos probatórios que emergem do perene naufrágio da civilização. Trazemos esse argumento à tona porque estamos convencidos de que as conclusões de hoje são provisórias. Basta uma simples comparação com a bibliografia que, na atualidade, celebra sua maioridade, para comprovar seu enorme envelhecimento. As numerosas e frequentes descobertas papirológicas estão enriquecendo e, simultaneamente, modificando muitos dos nossos pontos de vista. Tradicionalmente, acolhiam-se os juízos emitidos *de recodicologica* por escritores e eruditos da Antiguidade e sobre eles se reconstruía, com mais ou menos dificuldade, o cenário de uns possíveis usos. Na atualidade, somos obrigados a seguir um caminho idêntico, mas reforçado pelas contínuas contribuições de toda natureza que incessantemente nos vão chegando. Constitui um lugar-comum exaltar uma longa sequência de autores greco-latinos que, direta ou indiretamente, aludem ao tema de que nos ocupamos. Na verdade, são abundantes os trabalhos que, de maneira exaustiva, reúnem até o mínimo comentário. Referimo-nos a eles, pois nos parece improcedente insistir uma vez mais neste assunto, especialmente por ele ter sido tratado com maestria.[27] Queremos exatamente registrar que os autores hispano-romanos, Sêneca e Marcial, engrossam esta lista. O testemunho do último é extremamente interessante pela abundância e precisão de dados que nos oferece.[28] Particularmente, parece-nos elucidativa a passagem na qual ele elogia o formato do códice por sua maneabilidade e pela facilidade com que pode ser transportada comodamente a produção completa de um autor. Entusiasmado por esse tipo de edição, chega inclusive a cunhar metricamente o que hoje chamaríamos um "*spot*" publicitário. Eis aqui suas palavras:

> Tu que desejas ter meus livretos a tua disposição em qualquer lugar / e que desejas tê-los como companheiros de um longo caminho, / compre os que estão confeccionados com pergaminho e são de pequeno tamanho. / Coloque os grandes em suas caixas: eu coloco em uma das mãos. / Todavia, para que não ignores onde estão à venda e andes errante / por toda a cidade, eu te guiarei de forma certa: / perguntas por Secundo, erudito liberto por Lucence, / por trás do átrio daPaz edo FórumdeMinerva. (Epigrama, 1, 2).

Apesar dessas informações, não sabemos com exatidão o momento em que se começa a utilizar o códice de material macio, embora se suspeite que foi antes de nossa

[27] Obras como as de Wattenbach (1871) e de Gardthausen (1879) ilustram com perfeição este *modus operandi*.

[28] Ver Elisa Ruiz García, El impacto del libro en Marcial .**Cuadernos de trabajos de la Escuela Española de História y Arqueologia de Roma**, 14 (1980), p. 143-181.

era,[29] ao menos, sob a forma de caderno formado por folhas de pergaminho, chamado *membranae*, e empregado com caráter subsidiário, como em nosso bloco de notas. Tal uso está amplamente testemunhado no mundo romano, onde C. H. Roberts e T. C. Skeat (1987) situam o cenário de mudança.[30] A ausência de uma palavra apropriada em grego para designar esse tipo de livro é a seus olhos uma prova decisiva. Quando São Paulo solicita a Timóteo que traga a Éfeso alguns de seus objetos pessoais, deixados em Tróade, pede com especial insistência seus cadernos de notas: *málista tàs membránas*. Para denominá-los, recorria ao termo latino *membranae*, transliterado com caracteres gregos. Estes e outros documentos nos confirmam a existência e, sobretudo, a difusão desse novo suporte da escrita nas últimas décadas do século I depois de Cristo. No entanto, a dita fórmula tardará muito a triunfar.

Evidentemente, as tabuletas enceradas poderiam ser o modelo em que se inspiraram os criadores deste novo produto. Assim parece indicar o sistema de união das distintas folhas, consistente em perfurações praticadas em sua margem interna – e não na mesma folha, como aconteceria mais tarde – e a existência de um caderno único em uma primeira etapa.[31] A continuidade formal do objeto antigo em um novo é uma constante na história da cultura. A modalidade que acabamos de descrever constituiu um estágio intermediário. Bastava um aperfeiçoamento técnico para chegar ao autêntico códice de pergaminho ou papiro, apto para transmitir textos de maior envergadura. Entretanto, este percurso foi lento. Há que se aguardar até o século IV para que se opere uma transformação essencial: o uso do *codex* em detrimento do *volumen*.

As razões que motivaram essa mudança são, algumas, de natureza puramente prática; e, outras, sociológicas. Entre as primeiras, convém sublinhar as seguintes:

1. Facilidade de manuseio e consulta do novo tipo *librario*;
2. Maior comodidade de leitura;
3. Melhor rendimento *ad usum scholasticum*;
4. Capacidade de receber conteúdo textual muito superior ao rolo.[32]

[29] T. C. Skeat (1969, p. 66) situa dita transformação em meados do século I a. C.

[30] Um ponto de vista diferente é defendido por J. van Haelst (1989, p. 13-35).

[31] Tal é a hipótese defendida por H. Ibscher (1937). C. H. Roberts (1954) considera igualmente plausível o uso de agrupar *uniones* ou cadernos de um só bifólio em um primeiro momento, já que a analogia com as tabuletas enceradas também podia se estabelecer mediante este sistema. E. G. Turner (1977) cita essas duas possibilidades sem tomar partido.

[32] Calcula-se que, em média, a escrita de seis rolos podia se transferir para só um códice.

Esses foram argumentos de ordem material e intelectual que colaboraram eficazmente para a difusão do novo modelo. Principalmente por permitir o desenvolvimento de uma cultura de referência, tal qual a que imperava no século IV, tanto no nível cristão quanto no profano. Em um e em outro âmbito, a citação de uma determinada passagem era um princípio de autoridade indispensável. O triunfo seria, assim, questão de tempo.

As outras motivações que fomentaram a implantação do livro quadrangular não são tão evidentes, contudo são instrutoras a partir de uma perspectiva histórica. Entram no terreno sutil do comportamento social e do doutrinamento ideológico. Como essa questão foi objeto de várias publicações, nos limitaremos a resumir, de modo esquemático, as conclusões obtidas.[33][34] Certamente, o *codex* foi o instrumento que facilitou essa transformação decisiva.[35] Foi o representante de uma nova técnica e, como tal, teve que lutar contra a resistência surda que ofereciam os usuários de outros meios reinantes. Idêntica reação ocorreu, posteriormente, diante do livro impresso, do cinema, da televisão ou dos procedimentos informáticos. A atitude conservadora ante o esforço de uma conquista tecnológica que avança está fadada ao fracasso. Assim sucedeu com esse resplandecente objeto.

Na sua implantação, influenciou também a estratificação social das pessoas promotoras do códice. A nova forma *libraria*, em seus primeiros momentos, foi patrimônio das classes populares e serviu de veículo inferior da comunicação escrita. Era um meio de baixo custo, modesto em suas pretensões e, portanto, consagrado a difundir um tipo de literatura de segunda classe: os relatos de novelas que gozavam de grande aceitação entre um determinado público e os textos religiosos que os cristãos passavam de mão em mão. A pressão de determinados grupos economicamente deficientes foi decisiva no triunfo do códice. O *volumen*, símbolo de uma cultura estatal, extraordinária e de signo pagão, foi pouco a pouco perdendo terreno, como mostra

[33] Veja J. Mallon (1949, p. 1-8). E especialmente os trabalhos de G. Cavallo (1975), C. H. Roberts (1954) e T. C. Skeat (1964).

[34] A referência Cavallo (1975) não consta nas referências bibliográficas do texto original. Atribuímos tal ausência à possíveis erros de digitação ou revisão normativa (N. T.).

[35] A literatura científica que aborda estas questões é muito abundante. Em particular aconselhamos os trabalhos de J. Goody (1987) e E. A. Havelock (1963) por sua clareza expositiva. São também muito sugestivos um par de livros do professor E. Lledó (1991 e 1992). A bibliografia mencionada nestas obras trata também os aspectos antropológicos do problema.

claramente o seguinte quadro estatístico,[36] que reflete o emprego progressivo do *codex* em detrimento do rolo nos primeiros séculos de nossa era:

Quadro 1 – Uso de rolos e códices

Séculos	Nº de rolos	Nº de códices	% de códices
II	465	11	2,31%
II-III	208	6	2,9%
III	297	60	16,8%
III-IV	28	26	48,14%
IV	25	71	73,95%

Como expusemos, o fenômeno de sua implantação se deu em relação ao maior peso social, na época de Diocleciano, de estratos da população de origem modesta e de escasso nível cultural. Esses *homines novi* impuseram seus gostos, seus cânones estéticos e foram os promotores de uma renovação artística de signo popular e provincial, que se percebe em distintas manifestações criativas.[37]

Às transformações sociopolíticas indicadas acima é necessário adicionar fatores como fatores que foram decisivos para a confirmação do *codex*, como a progressiva afirmação da Igreja e seu definitivo reconhecimento como religião oficial. A estreita vinculação entre os cristãos e esse meio *librario* foi desejada e procurada nos ambientes humildes e marginais nos quais a dita instituição prosperava. Segundo vimos, nesses ambientes, essa forma de difusão de textos enraizou-se com facilidade. Era lógico que o Cristianismo nascente se apoiasse nesse veículo, se considerarmos a procedência dos fiéis, suas aspirações e o contexto histórico. T. C. Skeat e C. H. Roberts interpretam essa adoção como consequência de uma determinada tomada por alguma personalidade da Igreja primitiva com o afã de distinguir com toda claridade os textos bíblicos cristãos

[36] Embora as cifras ratifiquem o resultado dos cálculos realizados há umas décadas, cremos que têm ainda plena validade, pois as descobertas arqueológicas realizadas nesses últimos anos tão somente incidiram na apreciação de dados concretos, mas não no conjunto do fenômeno estudado.

[37] Veja R. Bianchi Bandinelli, "La crisi artística del mondo antico". In: **Archivio e cultura**, Milano; Napoli: R. Ricciardi, 1961, p. 197-200, e M. Bonicatti, **Studi di Storia dell'Arte sulla tarda antichitá e sullo alto medioevo**, Roma: De Luca, 1963. Por motivo idêntico, o professor A. Petrucci justifica a difusão da escrita minúscula nesta mesma época (veja "Per la storia dela scrittura romana: i graffiti di Condotomagos", **Bulletino dell'Archivio Paleografico Italiano**, 3ª serie, 1 (1962), p. 85-132.

dos textos pagãos, geralmente escritos em *volumina* de papiro,[38] e também daqueles textos judeus, tradicionalmente conservados em rolos de pergaminho. Sejam quais forem as razões que motivaram semelhante atitude, o certo é que os fragmentos de códices mais antigos conhecidos na atualidade são de origem cristã em elevadíssima proporção. Citaremos uma mostra dentro deste âmbito:[39]

Quadro 2 – Fragmentos bíblicos

Fragmentos bíblicos anteriores ao século IV *ex*.	Códices	Rolos
111 (62 V. T e 49 N. T)	99	12

Tais números dificilmente podem ser considerados fortuitos, desse modo, é justo reconhecer o papel determinante desempenhado pela Igreja na expansão do novo procedimento técnico.

Até agora, vimos como o códice, modesto em seu início, serviu de instrumento de comunicação para difundir literatura popular e textos cristãos. Contudo, ele desempenhou igualmente uma terceira tarefa em relação aos escritos técnicos. A escassez de meios, mal endêmico em todo trabalho intelectual, também aninhou a confecção daquela produção *libraria* destinada ao estudo. No século IV, florescem as compilações jurídicas. Consequentemente, sob este modo de expressão formal se darão a conhecer. Ulpiano (Diges. XXXII, 52), utilizará o termo *codex* referindo-se, sem dúvidas, ao tipo *librario* de forma retangular.[40]

Da mesma forma que a função cria o órgão, um conteúdo religioso ou jurídico pode acabar por proporcionar certo poder carismático ao continente. Dessa maneira o *codex*, produto pouco estimado por seu custo e pelo tipo de público que dele usufruía em suas origens, acabou convertendo-se no símbolo da divindade e da lei, e, por consequência, terminou por ser um instrumento destinado ao culto dos fiéis cristãos e ao respeito da cidadania. Essa transformação trouxe algumas preocupações de ordem estética: o depositário da ciência divina e humana deveria oferecer um atavio adequado

[38] Veja, entre outros, C. H. Roberts, The Christian Book and the Greek Papyri, **Journal of Theological Studies**, 46 (1949), p. 155-168, e T. C. Skeat (1969).

[39] Veja C. H. Roberts (1954, p. 185 e seguintes) e T. C. Skeat (1969, p. 69 e seguintes). Reproduzimos os números manejados por ambos os autores.

[40] A palavra latina *codex*, em Castelhano, resultou em dois derivados: um, de caráter patrimonial, “código”, vinculado à noção de textos de natureza legal; e outro, “códice”, um cultismo que faz referência à definição *libraria* mencionada.

à dignidade de sua missão. O que propiciou um curioso fenômeno: o códice, sendo em suas origens um "*parvenu*", acabou por ascender aos últimos degraus do poder e ali permaneceu convertido em um livro-objeto inacessível e mudo. Ecos da indignação suscitada por semelhante mudança chegam até nós por meio das queixas de São Jerônimo, que textualmente proclama:

> Há os que querem livros antigos escritos com ouro ou prata em folhas de pergaminho roxo ou bem com letras unciais (como são chamadas comumente). São uns fardos carregados de escrita mais que manuscritos: por enquanto eles permitem, a mim e aos meus, umas modestas folhas.[41]

Afortunadamente, para a história da cultura nem todos os códices seguiram um itinerário idêntico. Foram abundantes os que cumpriram sua missão primordial e, graças a eles, o modelo original sobreviveu até nossos dias. Porém, como teremos ocasião de comprovar mais adiante, este não é o primeiro nem o último paradoxo que a história do livro envolve: o *codex*, que em seu nascimento foi manejado como um instrumento de ruptura com a cultura oficial, logo foi apadrinhado oficialmente segundo a gráfica expressão de Roberts:

> O *codex* era de ascendência romana. Seus padrinhos foram a Igreja e a Lei. Foi criado nos duros tempos do século III, e alcançou a maior idade no transformado mundo do século IV. Se eleva como um símbolo próprio de uma nova idade, cujos dois pilares, as Escrituras e o Código, estarão vigentes durante o seguinte milênio. (ROBERTS, 1954, p. 204).

Implantação definitiva do códice[42]

A nova forma *libraria* oferece uma rica gama de variedades morfológicas nos primeiros séculos de existência. Tem-se tentado explicar as diferenças materiais que os manuscritos apresentam em função de seu potencial destinatário e em sua estreita relação com o conteúdo textual. Essas razões deveriam ser determinantes na hora de elaborar um códice, mas, atualmente, é difícil elucidar os critérios imperantes na época, posto que tão somente chegou até nós um número restrito de exemplares, em mau estado de conservação e de incerta localização tópica e crônica, em sua maior parte. Como a difusão do *codex* constitui um fenômeno que incide notavelmente na história da

[41] Prefácio do livro de Jó, P.L., t. XXVIII, col. 1.142.

[42] Dada a importância da mudança morfológica estudada, esboçaremos um panorama da produção tardo-antiga, já que os canais criados nessa época constituem a base sobre a qual se desenvolverá a trajetória histórica e técnica do livro manuscrito.

cultura, não é estranho o interesse que essa questão despertou nos meios especializados. Até aqui temos exposto as causas que motivaram seu nascimento e difusão, atendo-nos a algumas sugestivas hipóteses que gozam de consenso geral. Contudo, há mais. Observa-se uma diversificação no aspecto físico do manuscrito que não é obra do azar ou das circunstâncias, senão que deve responder a diretrizes concretas. Várias são as interpretações possíveis desse feito. Guglielmo Cavallo esboçou um quadro vívido da história do códice durante seus primeiros passos. O citado professor, em um documentado trabalho de 1975[43], oferece uma descrição completa dessa tipologia, cuja continuação resumimos. Segundo o autor, a partir do século IV, o códice grego de papiro era formado por vários cadernos numerados na margem superior direita. O tamanho era variável, mas havia certa tendência direcionada para folhas de grandes dimensões e, de preferência, oblongas (sendo, frequentemente, a altura é o dobro da largura). O texto, quando era em prosa, ocupava uma só coluna, salvo raras exceções. A escrita denotava um *ductus* rápido, isto é, de tipo semicursivo. As páginas ostentavam amplas margens, as quais frequentemente apareciam cobertas de escólios e comentários, adiantando-se à tradicional prática medieval. A encadernação podia apresentar pastas de madeira ou revestimento de couro. Além dessas características puramente materiais, convém sublinhar um feito importante: os exemplares eram utilizados como instrumentos de trabalho para transmitir textos e autores consagrados e tinham também finalidade escolar ou serviam para uso privado. Esse tipo de produção perdura até os últimos anos do século V.

Nada mais eloquente que contrastar o modelo anterior com as características que o códice de pergaminho oferece. Em primeiro lugar, ele é escasso durante os séculos IV e V, impondo-se tão somente no século VI. Em seus primeiros momentos, era de forma quadrada. Em meados do século V, é moderadamente oblongo. De modo geral, o texto se distribui em duas ou mais colunas, ficando pouco espaço livre nas margens, razão pela qual a página mostra uma estrutura compacta. A marca mais característica dessa classe de *codex* é o emprego de uma escrita caligráfica e esmerada ao extremo. Em algumas ocasiões, o livro apresenta ilustrações. São autênticos objetos de luxo realizados em oficinas e ateliês especializados de alto nível, como demonstra a excelente fatura dos produtos. Tais obras estavam destinadas a uma “elite” aristocrática ou, ao menos, a uma classe bem acomodada. Como eloquentes exemplos, podem-se

[43] A referência Cavallo (1975) não consta nas referências bibliográficas do texto original. Atribuímos tal ausência à possíveis erros de digitação ou revisão normativa (N. T.).

assinalar o Dioscórides de Viena, encarregado por Juliana Anicia, filha de Flávio Anicio Olibrio, imperador do Ocidente, no ano de 472, e o códice ilustrado de *Ilíada*, da Biblioteca Ambrosiana de Milão.

Todas as informações prestadas até então tem plena validez no que diz respeito ao *codex* grego. Com relação ao *codex* latino, convém sublinhar o feito de que nesse âmbito geográfico as circunstâncias históricas eram diversas. Segundo vimos no item anterior, o códice ocidental, em suas origens, é de raiz popular, nasce pela evolução das *membranae* ou caderno de apontamentos confeccionado precisamente com pergaminho. Portanto, a distinção entre materiais da escrita e o tipo *librario*, no sentido acima expressado, não é tão clara, pois houve aqui uma transformação mais profunda que nos meios helênicos. Se deixarmos de lado essas diferenças de ordem genética, veremos que os resultados chegam a ser os mesmos, como confirmam as seguintes palavras do professor Cavallo:

> Em especial deve ser enfatizado que a produção do códice tardo-romano – simultaneamente com a prática grega, na qual o fenômeno oferece uma graduação diferente – o papiro, ao não ser mais como em outro tempo um material *librario* por excelência, era utilizado ou para escrever um texto provisório ou também para códices de alcance modesto, menos de um ponto de vista *librario*, do que do ponto de vista do conteúdo (já que alguns deles transmitiam certamente autores clássicos); ao contrário o pergaminho, emancipado de seu antigo papel de livreto de anotações ou, no máximo, livro de viagem (como parecem ser os códices anunciados por Marcial), se converteu no material "justo" para os livros. Desta forma, o período entre os séculos IV e VI significava, em todo o mundo romano-bizantino, embora com uma certa separação diacrônica entre Oriente e Ocidente, o passo a uma nova "civilização do livro". (CAVALLO, 1975, p. 107).[44]

Uma vez analisadas as características materiais do códice de conteúdo profano, vamos esboçar resumidamente aquelas próprias do mundo cristão. Os testemunhos mais antigos que chegaram até nós são de uma qualidade técnica medíocre; feito compreensível, já que são obras não procedem de centros especializados, mas foram produzidas por pessoas que, ocasionalmente, atuavam como copistas, sem conhecerem bem o ofício. Com o reconhecimento oficial da Igreja, aos representantes da nascente religião se faz patente a necessidade de definir o livro sacro, ou seja, de dotá-lo de certas características especiais que o diferenciem do livro laico. As principais distinções são as seguintes:

[44] A referência Cavallo (1975) não consta nas referências bibliográficas do texto original. Atribuímos tal ausência à possíveis erros de digitação ou revisão normativa (N. T.).

1. Utilização do pergaminho como suporte próprio dos livros cristãos;
2. Tendência a um formato quadrado até o final do século IV;
3. Forma retangular a partir do século V;
4. Disposição do texto em duas ou mais colunas;
5. Escrita de corte caligráfico.
6. Primeiras tentativas de ornamentação.

Essas características são válidas tanto para o códice de língua latina como para o de língua grega. A única diferença reside na morfologia dos signos alfabéticos. No primeiro caso, usou-se um tipo de escrita artificial criada *ex professo* para esta missão e que responde pelo nome de "uncial". No segundo, utilizou-se uma classe de letras que, por ter sido difundida especialmente por meio dos textos sagrados, recebeu a denominação de "maiúscula bíblica".[45]

Se nos primeiros momentos do cristianismo o trabalho de copiar os textos corria a cargo de membros alfabetizados da comunidade, a partir do século IV ele perde, gradualmente, esse exercício espontâneo não profissionalizado e surgem novos centros especializados, chamados *scriptoria*, mas de acordo com a maturidade que a própria Igreja segue adquirindo em matéria de organização. Por vezes, os ditos centros dependiam das bibliotecas episcopais e atendiam às necessidades *librarias* de uso interno. Neles, já se prefigura a instituição monacal que responderá por idêntico nome. Há vestígios de sua existência na área Greco oriental desde época muito antiga. Lembre-se da biblioteca de Orígenes, em Cesaréia, onde havia uma equipe de especialistas na tarefa de confeccionar códices. Ali foram elaboradas as cinquenta cópias da *Bíblia* solicitadas por Constantino a Eusébio para outras tantas igrejas recém-criadas. Talvez tenha sido um produto deste ateliê – ainda no final do século IV – o esplêndido exemplar conhecido comumente com o nome de *codex Sinaiticus*. Em todo caso, reflete bem a tipologia e a técnica de um *scriptorium* cristão no referido âmbito geográfico. Este gênero de produção, destinado ao consumo interno, perpetuou-se por meio da biblioteca imperial de Constantinopla e, inclusive, foi transmitido ao mundo árabe.

O triunfo do livro cristão no século IV, com as características técnicas anteriormente citadas, tem como consequência um gradual declínio do rolo como forma e do papiro como matéria. Somente uma "elite" seguia "consumindo" textos profanos.

[45] Veja a obra de G. Cavallo intitulada **Ricerche sulla maiuscola bíblica**, Firenze: Le Monnier, 1967, 2 vols.

Evidentemente, as oficinas laicas de produção *libraria* tinham que optar por desaparecerem ou adaptarem-se às novas formas imperantes. São escassos os exemplos dessa época que ainda intentam recriar os modelos clássicos em seu aspecto formal e estilo de escrita. Em sua maioria, se adequaram aos novos cânones, inclusive quando o texto não era de conteúdo cristão. Em contrapartida, a classe senatorial, defensora de uma tradição de disposição pagã, pouco a pouco foi convertendo as novas crenças e gostos literários, pois, de fato, a partir do século II, a administração do Estado começou a centralizar-se em torno do imperador, que se rodeava de técnicos de toda índole, salvo os intelectuais. A anarquia do século III e a política fiscal do IV acabaram por arruinar e aniquilar aquela classe social potencialmente leitora. Consequentemente, ao final do século VI, o público tradicional do livro desapareceu e com ele a produção artesã laica. Efetivamente escreve o professor Cavallo com estas seguras e irônicas palavras:

> E desta forma os grupos dirigentes da sociedade não tiveram, sucessivamente, cultura nem tampouco livros. Deixou de existir um público culto, pagão ou cristão (seus últimos representantes, pertencentes à alta aristocracia, se convertiam, no melhor dos casos, em bispos), o qual era um cliente potencial de livros ou um patrocinador de escolas e bibliotecas. (CAVALLO, 1975, p. 131).[46]

Recapitulando, a partir do século IV, assistimos a um processo de uniformização em todos os terrenos: caem as barreiras em relação às categorias de leitores, tipos de ateliês de produção e estrutura morfológica do livro. O final desse processo conecta-se com o início da Idade Média.

[46] A referência Cavallo (1975) não consta nas referências bibliográficas do texto original. Atribuímos tal ausência à possíveis erros de digitação ou revisão normativa (N. T.).

Typology of book

Abstract

The book **Introducción a la codicología** presents the main methods and techniques applied to the study of manuscripts reasoned from Codicology-science that studies the nature of archaeological manuscript sand books. The chapter "Tipologia del libro" exposes librarias forms-roll, tablet and codex, describing their shapes, their modes of production, the materials they contain and their uses over time. Begins presenting the roll (volumen) as librario type that prevailed throughout the Greco-Latin antiquity. Reports that tablets like the more remote antecedent, a morphological point of view, copies of manuscripts and printed quadrangular, known as Codex. Codex wasthe term used to designate a set of blades of any material, joined together by theinner margin by a link, your text content usually preserved through the outer plates that served as covers or cover. Presents the morphologies of the book within a cultural and social, gradual and complex process. Chapter contemplated in this translation has not yet been published in Brazil, so the motivation to disclose the work, mainly because it is an important text for those interested in the origins of the book and the research developed around this theme.

Keywords: Codicology; History of books.

REFERÊNCIAS

O rolo

CAVALLO, Guglielmo. La genesi dei rotoli liturgici beneventani ala luce del fenômeno storico-librario in Occidente ed Oriente. In: MISCELLANEA in memoria de Giorgio Cencetti. Torino: Bottega d'Erasmo, 1973a. p. 213-229.

CAVALLO, Guglielmo. **Rotoli di Exultet dell'Italia meridionale**. Bari: Adriatica Editrice, 1973b.

DELISLE, Léopold. **Rouleaux des morts du XI au XVI siècle**: recueillis et publiés pour la Société de l'histoire de France. Paris: J. Renouard, 1866.

O ROTOLO librario: fabbricazione, restauro, organizzazione interna: a cura di M. Capasso. Galatina: Congedo, 1995.

SANTIFALLER, Leo. **Beiträge zur Geschichte der Beschreibstoffe im Mittelalter mit bensoderer Berücksichtigung der päpstlichen Kanzlei**. Graz-Köln: H. Bohlaus, 1953.

SANTIFALLER, Leo. Über Papierrollen als Beschreibstoff. **Papiergeschichte**, n. 14, p. 49-56, 1964.

SANTIFALLER, Leo. **Über spate Papyrusrollen und frühe Pergementrollen**. Freiburg; München: K. Alber, p. 117-133, 1965.

Tabuletas de cera

BLANCHET, A. Tablettes de cire de l'époque carolingienne. **Comptes-rendus de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres,** p. 163-168, 1924.

BOWMAN, K.; THOMAS, J. D. **The Vindolanda writing tablets**. London: British Museum Press, 1994.

LALOU, E. (Ed.). Les tabletes à écrire, de l'Antiquité à l'époque moderne. **Colloque Internationale du CNRS**. Paris, 1993.

PETRUCCI, Armando. **Le tavolette cerate fiorentine di Casa Majorfi**. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1965.

THOMAS, J. D. New light on early latin writing: the Vindolanda tablets. **Scriptorium**, n. 30, p. 38-43, 1976.

O Códice

BLANHARD, A. **Les débuts du codex**: actes de la journée d'étude. Turnhout: Brepols, 1989.

HAVELOCK, Eric A. **Preface to Plato**. Madrid: Visor, 1963.

IBSCHER, Hugo. Der Kodex. **Jahrbuch der Einbankunst**, n. 4, p. 3-15, 1937.

LOWE, Elias Avery. Some facts about tour oldest latin manuscripts. **The Classical Quarterly**, n. 19, p. 197-208, 1925.

LOWE, Elias Avery. More facts about tour oldest latin manuscripts. **The Classical Quarterly**, n. 22, p. 43-62, 1928.

MALLON, Jean. Quel est le plus ancien exemple connu d'um manuscrit latin en forme de codex? **Emerita**, n. 17, p. 1-8, 1949.

ROBERTS, Colin Henderson. The codex. **Proceeding of the British Academy**, n. 40, p. 169-204, 1954.

ROBERTS, Colin Henderson; SKEATS, Theodore Cressy. **The birth of the codex**. London: Oxford University Press for the British Academy, 1987.

SKEATS, Theodore Cressy. Early christian book-production: papiry and manuscripts. **The Cambridge History of the Bible**. Cambridge: Cambridge University Press, v. 11, p. 54-79, 1969.

TURNER, Eric Gardiner. **Greek manuscripts of the ancient world**. Oxford: Clarendon University Press, 1971.

TURNER, Eric Gardiner. Some questions about the typology of the codex. Aktendes XIII Internat. **Papyrologenkongr** (Münchener Beitrage zur Papyrologie), n. 66, München, 1974a, p. 427-437.

TURNER, Eric Gardiner. Towards a typology of the early codex. In: TURNER, Eric Gardiner. **La paléographie hébraique médiévale**. Paris: Éditions du CNRS, 1974b. p. 137-151.

TURNER, Eric Gardiner. Early papyrux códices of large size. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF PAPYROLOGISTS, 14., London. **Proceedings...** London: British Academy by the Egypt Exploration Society. 1975, p. 309-312.

TURNER, Eric Gardiner. **The typology of the early codex**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1977.

TURNER, Eric Gardiner. Towards a typology of the early codex third to sixth centuries after Christ. **Codicologica**, n. 2, p. 9-14, 1978.

VAN HAELST, J. Les origines du codex. In: VAN HAELST, J. **Les débuts du codex**. Turnhout: Brepols, 1989. p. 13-35.

VEZIN, Jacques. La fabrication du manuscrit. In: MARTIN, d'Henri-Jean; CHARTIER, Roger; VIVETI, Jean-Pierre. **Histoire de l'edition française**. Paris: Promodis, 1983, v. 1, p. 25-47.

Recebido em março de 2014.
Aprovado em junho de 2014.